

# Emergência Climática, Natureza e os Trabalhos do Tempo: ruminções sobre uma pandemia

Fernando José Ciello<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil

## Resumo

Durante a pandemia pelo coronavírus, as mídias sociais ocuparam um lugar central na mediação das relações entre diferentes agentes, contribuindo para o contorno de eventos e as práticas relacionadas ao distanciamento social, ao enfrentamento da crise, aos tratamentos de saúde, e para a experiência da pandemia como um todo. Este ensaio analisa quatro vídeos publicados no Facebook que abordam a emergência climática e suas relações com a pandemia, com especial atenção para a mobilização de questões relativas à natureza e à pandemia como oportunidades de transformação. Busca-se analisar os conteúdos dos vídeos levando em consideração a agência do tempo na retórica ali desenvolvida e elaborar uma tese sobre como tais enunciados tencionam conduzir à ação. Argumento que as diferentes narrativas sobre crise no contemporâneo compartilham um campo de ressonâncias e que os apelos desses agentes não estão distantes de outros produzidos no contexto do neoliberalismo, sendo o tempo um fator central nos modos de interpelação aí desenvolvidos.

**Palavras-chave:** Pandemia; Emergência climática; Tempo; Facebook; Discurso ambiental.

## Climate Emergency, Nature and the Workings of Time: ruminations on a pandemic

## Abstract

During the coronavirus pandemic, social media occupied a central place in mediating relations between different agents, contributing to the contouring of events and practices related to social distancing, coping with the crisis, health treatments, as well as the experience of the pandemic as a whole. This essay analyzes four videos published on Facebook that address the climate emergency and its relation with the pandemic, with special attention to the mobilization of categories related to nature and the pandemic as an opportunity for transformation. The aim is to analyze the contents of the videos taking into account the agency of time in the rhetoric developed there and elaborate on how such statements intend to lead to action. I argue that the different narratives about contemporary crisis share a field of resonances and that the appeals of these agents are not far from others produced in the context of neoliberalism, with time being a central agent in the modes of interpellation developed there.

**Keywords:** Pandemic; Climate emergency; Time; Facebook; Ambiental discourse.

Recebido em: 31/01/2024

Aceito em: 13/05/2024



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

## 1 Introdução

**R**uminar, verbo talvez incomum no uso cotidiano da língua portuguesa, indica o ato de regurgitar e mastigar o alimento novamente, comportamento associado aos animais conhecidos como ruminantes. Um segundo sentido associa a palavra ao próprio ato de pensamento, reflexivo, de meditar sobre uma ideia antes de torná-la pública. Simbolicamente, trata-se de voltar a ideia para dentro antes de que ela saia definitivamente para o mundo, diferente, portanto, dos ruminantes, que colocam o alimento para fora e depois novamente para dentro, para então incorporá-lo.

A ambiguidade nas aplicações do verbo convoca a uma interessante reflexão, principalmente porque o sentido figurativo deriva do sentido primeiro, de “mastigar novamente”. A evolução do sentido “original” para o sentido metafórico também não deixa de ser interessante, apesar de não ser o objetivo deste ensaio. Enquanto o verbo *ruminare*, do latim, indicaria esse “mascar novamente”; entre os animais humanos, apesar de a igualmente recair sobre o processo de tornar a fazer alguma coisa, o tom se construiu em torno da abjeção ou do desgosto envolvido na prática.

Em buscas na internet, o sentido figurativo de ruminar vai desde o “ponderar” até o “cismar”, sugerindo a manutenção de uma ambiguidade nesse incerto ato. O dicionário Michaelis *on-line* diz que ruminar é “pensar exaustivamente”. A expressão “ruminções” aparece ainda capturada por outros terrenos, dos saberes *psi*, por exemplo, em que o ato pode indicar pensar demais ou apresentar pensamentos intrusivos, sintomas típicos de transtornos de ansiedade e depressão, transtornos obsessivos, entre outros. Aqui e acolá, em diversos lugares, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM 5 (APA, 2013), por exemplo, elenca a “ruminção de pensamento” como um ato perigoso em diversos quadros diagnósticos.

De alguma maneira, a ruminção chegou ao contemporâneo com esta ambígua marca: de reflexão filosófica, argumentação e aprofundamento, por um lado, e de perigo, exagero e obsessão, por outro. Essa ruminção inicial é um preâmbulo ao problema de *pensar a pandemia*, ato ao qual a antropologia vem se dedicando desde que o pensamento sobre ela ainda não havia sido primeiramente regurgitado. Falar sobre as agências do tempo implica um certo tipo de ruminção, pois estamos diante de um problema contemporâneo interessante e também ambíguo: superar a pandemia e não mais pensar no que se passou é um desejo que coexiste com a necessidade de ainda buscar compreender o que se viveu e os efeitos daqueles momentos.

Proponho aqui, entendendo a própria antropologia como uma espécie de perigosa ruminção, tecer um comentário sobre alguns vídeos disponibilizados no Facebook no ano de 2020, nos quais a pandemia é tratada como um tempo de transformação, fazendo convergir questões relativas à emergência climática e noções sobre natureza e humanidade. Tomo esses vídeos como artefatos significativos para pensar antropologicamente em termos do que Cesarino (2022) chamou de causalidades circulares ou coemergentes, sendo o tempo um mediador (inesperado) no trabalho realizado pelas postagens nas redes sociais, conforme argumentarei mais adiante. O artigo oferece um comentário sobre os vídeos e tenta contribuir para imaginar como essas formas midiáticas tencionam conduzir à ação nos tempos em que vivemos, fazendo convergir e atravessar temas e questões inesperadas.

Tento dialogar com ideias presentes nos trabalhos de Veena Das (2020), Munn (1992) e Cesarino (2022), embora não somente, revendo situações em que se pode apreciar o trabalho do tempo como categoria significativa na experiência da pandemia a partir das redes sociais. Importa aqui destacar a pluralidade da pandemia, ao invés da homogeneidade pretendida, por exemplo, pelos saberes biomédicos; e tecer um comentário antropológico sobre temas que tiveram amplo debate nas redes sociais e que facilmente podem passar como representações naturalizadas sobre cultura e humanidade.

As publicações feitas em redes sociais se tornaram uma atividade comum ao longo da pandemia, um modo de acessar o mundo de fora. Embora o tom aqui seja propositalmente ensaístico, os conteúdos apresentados são fruto de uma vivência e de uma observação das redes sociais naquele período. Nesse sentido, a pesquisa se deu em um momento ambíguo em que se vivenciava as dores da pandemia; mas também se buscava pensar o que vivíamos. Busco, por esse motivo, fomentar uma conversa com as ideias de ambiguidade e de fragmentação, com o intuito de ressaltar as mídias sociais como um contexto relevante para o estudo sobre as culturas contemporâneas, novos modos de subjetivação, articulações, agenciamentos e transformações de processos antes tomados como estáveis.

No período de distanciamento social, especialmente entre 2020 e 2022, mantive um diário virtual com postagens de redes sociais, especialmente Facebook e Instagram, juntamente com cópias de textos, imagens e notícias jornalísticas. Os temas de interesse eram todos relacionados à ideia de que a pandemia era um tempo de transformação que deveria ser aproveitado. A variedade de discursos associados à noção de “pandemia como oportunidade” é ampla, envolvendo agências governamentais, profissionais de diversas áreas e enunciados nos campos da saúde, economia e política.

Em 2023, retornei a esse diário e passei também a acessar novamente algumas das postagens e notícias. Comecei também a usar as ferramentas disponíveis nos aplicativos do Instagram e Facebook para rever as interações que tive com outros usuários, de certa forma, me provocando a revisitar também as sensações e produções do período, tentando reavaliá-las em uma outra temporalidade. Ao meu modo, portanto, também, eu ruminei a pandemia a partir dessa seleção de conteúdos das redes sociais, voltando sempre àqueles enunciados, postagens e imagens de certa forma “imortalizados” nas interações que ficaram em anos passados. Como veremos aqui, no entanto, o tempo não

é apenas forma de representação cronológica, mas uma maneira de elaborar e reelaborar narrativas, fazer emergir sujeitos e permitir novas experiências.

Venho tentando refletir sobre os discursos que tomaram a pandemia como oportunidade, especialmente em suas articulações com outros temas recorrentes no contemporâneo, tais como crise, saúde mental e neoliberalismo (Ciello, 2024). Tomar o digital como contexto legítimo para a pesquisa implica reconhecer que este ambiente ruminante de notícias – que publicadas hoje, podem tornar-se centenas de novos artefatos e narrativas amanhã, bem como revisitadas ainda outras vezes em qualquer outro tempo – produzem novos sujeitos ou colocam antigos atores em novos lugares.

Neste ensaio, o objetivo é seguir pensando a esse respeito, mas com foco para outro conjunto comum de narrativas ao longo da pandemia, especialmente relacionadas a temas como a emergência climática e a natureza. A ideia de ruminção que evoco aqui não é mera alegoria, mas ainda mais uma imagem que pode nos aproximar de uma antropologia do contemporâneo, ou de uma ciência da complexidade, nos termos que sugere Cesarino (2022). Não se trata de potencializar argumentos que invalidam os discursos ambientalistas ou realizar uma crítica parnasiana das iniciativas tomadas pelas pessoas durante a pandemia. Ao contrário, entendendo que pode ser o momento de uma antropologia engajar em comentários mais arrojados sobre o mundo no qual vivemos, para além da acumulação de casos etnográficos (Ingold, 2015); e que, por meio das palavras, podemos forçar a elaboração de um outro futuro (Stengers, 2015), este ensaio busca tecer contrapontos a essa ideia de que a pandemia foi um tempo de oportunidades e que por meio dela chegaríamos a um novo e verdejante mundo.

A página Hope no Facebook, a partir de onde os vídeos foram estudados, é uma página ativa de compartilhamento de conteúdo relativo às emergências climáticas e a busca por uma *saída verde*. Seus canais de publicação podem ser encontrados no Instagram, no Facebook e também no YouTube. Além das redes sociais, a Hope também mantém uma *home page*, denominada [www.hoperevolution.earth](http://www.hoperevolution.earth). Nesta última, o trabalho que realizam é caracterizado por eles como sendo o de *transformar a ciência climática e ecológica em vídeos virais*<sup>1</sup>. Na mesma página, estão disponíveis alguns dados significativos, como o de que, entre os anos de 2020 e 2021, eles foram *a página sobre meio ambiente com mais impacto no mundo no Facebook* e que possuem mais de 600 milhões de visualizações de suas produções e 1,8 milhão de seguidores em suas redes. A escolha dos vídeos se deu principalmente pelo impacto em sua circulação pelas redes e também por que abordavam de modo explícito a pandemia e a noção de crise como oportunidade. O interesse aqui não é o de pensar especificamente essa página, seus participantes ou a validade de suas contribuições, mas sim o de tentar compreender o apelo dos argumentos apresentados nos vídeos, especialmente naquilo que eles têm em comum com outros discursos do período, em que a pandemia foi amplamente entendida como oportunidade.

---

<sup>1</sup> Esses vídeos estão disponíveis em: <https://hoperevolution.earth/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

## 2 Os Animais Tomam o Mundo: pandemia e natureza

Em abril de 2020, a página espanhola no Facebook, *Hope. En pie por el planeta*, publicou o vídeo *Los animales toman el mundo*<sup>2</sup>. Na produção, de aproximadamente quatro minutos, cangurus, crocodilos, ovelhas, leões, rinocerontes, entre outros animais, aparecem ocupando residências e espaços urbanos em diversos lugares ao redor do planeta: na Austrália, nos Estados Unidos, na África do Sul, Argentina, Nepal. Ao longo da quase totalidade do vídeo, é possível ler os nomes das cidades e dos respectivos visitantes animais, bem como o título, que anuncia a invasão animal mundo afora.

Na primeira parte do vídeo também se escuta uma composição de Edvard Grieg, *In the hall of the mountain king*. Em seu contexto original – na peça de teatro norueguesa *Peer Gynt* – a música acompanha as provocações e as ameaças de *trolls* à personagem principal da peça, até sua bem-sucedida fuga de uma montanha. A peça musical pode ser reconhecida por sua estrutura repetitiva e pelo aumento do volume e do andamento em cada uma das repetições do tema principal, que lenta e implacavelmente fazem chegar a um clímax envolvente e dominado por muitos sons.

O vídeo no qual os animais tomam o mundo coincide com o tom inexorável de sua música de fundo: há algo de supostamente inevitável na tomada do mundo pelos animais. Ainda que timidamente, como no início da melodia, os animais tomarão o mundo. De um pequeno canguru passeando pelas ruas de Adelaide, rinocerontes tomando uma rua no Nepal, até um elefante exigindo passagem em alguma rua na Índia, o tempo dos animais haveria, enfim, chegado, e, implacavelmente, eles voltariam a tomar o mundo.

A primeira parte do vídeo, com imagens de animais ora destemidos e ora brincalhões, junto a uma música de fundo que reforça um tom apressado e persecutório, contrasta fortemente com a segunda parte. Quando a música encerra, um narrador começa a contar que, apesar de as imagens serem bonitas, elas estariam servindo para veicular a falsa mensagem de que o ser humano seria o *câncer do planeta* [*sic*] e que não haveria saída para o contexto de crise. A fala do narrador ataca em cheio um comentário que foi bastante comum durante a pandemia, relativo à responsabilização dos humanos pelo contexto de crise.

O vídeo defende que, em oposição a uma culpa dos humanos pela devastação do planeta, o verdadeiro câncer, o vírus que estaria destruindo o planeta, não seria o ser humano, mas sim um modelo econômico baseado no crescimento infinito, nos combustíveis fósseis, na ambição e na luta de todos contra todos. Ao contrário da suposição de que a situação não poderia ser mudada pelo fato de a espécie humana *ser o que é*, o modelo econômico, sim, poderia ser mudado.

O contraste entre a primeira e a segunda parte do vídeo ilustra posições que foram bastante significativas no período pandêmico: por um lado, uma compreensão de que o humano é como um *câncer* [*sic*] do planeta, um vírus, o culpado pela situação de crise climática vivida pela humanidade; por outro, em contraposição ao primeiro, de que o verdadeiro câncer não seria o humano em si mesmo, mas sim o modelo econômico capitalista, baseado na exploração.

---

<sup>2</sup> Esses vídeos estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/watch/?v=413858276628813>. Acesso em: 30 jan. 2024.

O vídeo se opõe à ideia de que os seres humanos são os culpados pelo aparecimento das crises naturais, por ser um argumento que distribui as culpas pela destruição da natureza entre todos da espécie humana, ao passo que não responsabiliza o modelo econômico por essa destruição. Se há crise, ela não deveria ser identificada apenas na natureza ou apenas entre os humanos e seus comportamentos, mas também no modelo econômico e nos valores da cobiça que têm feito o mundo desejar um crescimento infinito.

O conteúdo apresentado no vídeo é uma produção realizada no âmbito da crise mundial pelo coronavírus e consegue articular o alarme em torno de uma crise de saúde com as ideias de uma crise na natureza e também uma crise de representação sobre a espécie humana. O vídeo termina afirmando que a crise do coronavírus ensina que a natureza é poderosa e incontrolável e não uma máquina que os humanos podem submeter, incorporando aí, portanto, também a *natureza* do coronavírus como de possível transformação, de ensinamento e de potência para a *espécie humana*. No mesmo período, um outro vídeo, semelhante a este, chamado ¿Somos el virus? *Cuidado con esos mensajes*<sup>3</sup>, é publicado pela página Hope, agora com novas imagens, de baleias no porto de Biscaia na Espanha, golfinhos na Turquia, seguidos ainda por imagens de ar limpo em capitais antes poluídas e novamente o insólito canguru pelas ruas de Adelaide, na Austrália.

*Los animales toman el mundo* foi publicado duas outras vezes, posteriormente, na mesma página, em maio e em dezembro de 2020, com a hashtag #*lomásvistoen2020*, contabilizando mais de 3,4 milhões de visualizações e aproximadamente 72 mil compartilhamentos, pouco mais de 60 mil reações e milhares de comentários. O vídeo está entre os mais vistos do canal e é disponibilizado também na página de YouTube do mesmo coletivo. Embora os números não sejam tão impressionantes quanto outros conteúdos que são publicados nas mídias sociais, o vídeo revela um engajamento significativo em torno de uma ideia que foi corrente durante a pandemia, relativa à retomada do mundo pelos animais e à reconstituição da natureza no período do distanciamento social. Com a divulgação de imagens de animais ocupando ambientes urbanos e de capitais antes poluídas agora com ar limpo, muito rapidamente as redes sociais foram ocupadas por comentários sobre os aprendizados que a pandemia trouxe, a falência dos modelos de consumo humanos, a necessidade de mobilização rápida para mudar o mundo, entre mensagens semelhantes.

Vários vídeos produzidos pela página, especialmente ao longo do ano de 2020, mostravam já uma diversidade de questões que estavam pairando durante a pandemia. Nessas narrativas, os argumentos de urgência ressoaram com outros discursos de urgência advindos da crise sanitária e da crise política e econômica, conferindo sentidos que podiam ser mutuamente encontrados nesses diferentes campos. O anúncio, pela página, de que seus conteúdos tiveram grande destaque nos anos de 2020 e 2021, período em que o distanciamento social e a pandemia estiveram em alta, de certa forma, oferece testemunho do apelo que tais narrativas tiveram no período em que as redes sociais foram um espaço potencializado de mediação. A busca por uma intervenção com base em vídeos virais expressa o interesse do grupo de *trasladar la información a la calle*, como dizem em seu *site*, para garantir que os cidadãos compreendam que estamos em uma

---

<sup>3</sup> Esse vídeo está disponível em: <https://fb.watch/phD6FE89Tg/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

emergência. O grande alarme já solidificado pela ciência, conforme se lê no *site*, ainda não estaria suficientemente difundido pelo mundo.

Dois outros vídeos da página chamam ainda atenção, também publicados outras vezes e também com grande número de compartilhamentos: *La vacuna contra la pandemia la teníamos en frente*<sup>4</sup> e *#ReconstrucciónVerde*<sup>5</sup>.

Em *La vacuna*, o fundador da página apresenta em primeira pessoa o enunciado de que sempre tivemos a vacina ideal para a pandemia, mas que a havíamos destruído. Em seguida, passa a palavra para o que pode ser entendido como uma autoridade no assunto, pesquisador associado ao CSIC (Espanha) e consultor da página, para quem a proteção contra as pandemias, a evitar os saltos de patógenos dos animais para humanos, seria uma natureza saudável e equilibrada. O vídeo, com mais de 11 milhões de visualizações, aborda, em pouco mais de três minutos, a pandemia por coronavírus e seu salto do mundo animal para os humanos; e segue para um comentário sobre a derradeira invasão do mundo por vírus e bactérias, ressurgindo pela degradação do permafrost. Vemos aí expressões que remetem à destruição do planeta *como se não houvesse amanhã*, ou *se vamos esperar para agir quando a próxima pandemia vier?* entre outras.

O último vídeo, enfim, *Reconstrucción Verde*, inicia já com uma imagem perturbadora e que, de certa forma, também elabora em torno de outros temas abordados nos demais vídeos, de um englobamento da crise sanitária do coronavírus pela crise climática. Na imagem de abertura, um minúsculo nadador é perseguido por um tubarão, que é, por sua vez, perseguido por um imenso monstro. O tubarão sendo o coronavírus e, o grande monstro, a emergência climática. Também aqui, novamente, aparecem frases de ordem, como a busca pela saída da crise como sendo uma última oportunidade, entre outras. A narrativa recorda a existência de vírus e de bactérias antigas nas geleiras em processo de degelo, assim como a peste bubônica, e outras pandemias que poderiam retornar face ao degelo. Faz, ainda, um último apelo, lembrando a cepa de Antrax descoberta na Sibéria após uma onda de calor que infectou dezenas de pessoas, bem como o impacto do aquecimento global no espriamento de doenças tropicais pelo mundo. A frase final é, enfim, significativa: *Iremos transformar nossa economia para frear o aquecimento global? Ou vamos esperar para ver como será a próxima pandemia?*

Todos os vídeos tem uma estrutura narrativa semelhante, com uma parte inicial impactante, com imagens belas, cômicas ou perturbadoras, enunciados taxativos, seguida por explanações com músicas comoventes, e uma parte final com soluções e chamadas à ação. Chamam atenção, nesse sentido, o esforço pela construção de discursos persuasivos, lidando com diferentes afetos e imagens, bem como a capacidade de descontextualizar e de recontextualizar as múltiplas imagens que apresentam. Há também um conjunto de argumentos que não escapam ao observador contemporâneo que habita o mundo digital, como a presença de figuras de autoridade, seja por meio de cientistas, membros de organizações, ou artistas que engajam na temática ambiental, numa retórica que emprega a ciência e os dados científicos. Mesmo os dados científicos, no entanto, aparecem em um enquadramento relativo ao que tem sido chamado de “*alt-science*” (Cesarino; Silva, 2023).

<sup>4</sup> Esse vídeo está disponível em: [https://fb.watch/phBVU\\_KeMj/](https://fb.watch/phBVU_KeMj/). Acesso em: 30 jan. 2024.

<sup>5</sup> Esse vídeo está disponível em: <https://fb.watch/phBXBBGTUB/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

### 3 Trabalhos do Tempo, Natureza e a Questão Ambiental

Os vídeos da página Hope expressam a delicada engenharia das diferentes maneiras pelas quais, diz Latour (2020a), a ecologia pode nos deixar [*sic*] loucos. Habitamos em um tempo em que constantemente somos alarmados por desventuras naturais, ambientais, climáticas, e somos conclamados a uma posição com relação ao impacto do humano na natureza. A retórica dos vídeos, ao globalizar a crise, confere uma sensação de perda iminente e de urgência, também notada por Latour (2020b, p. 14) quanto ao tempo de crise no qual vivemos:

[...] a impressão de vertigem, quase de pânico, que atravessa toda a política contemporânea deve-se ao fato de que o solo desaba sob os pés de todo mundo ao mesmo tempo, como se nos sentíssemos atacados por todos os lados em nossos hábitos e bens.

Embora fique evidente que a intenção é de que não nos deixemos dominar pela ideia de que os humanos são um câncer destrutivo e pernicioso, também fica claro que o humano tem um lugar central seja na entrada ou na saída da crise nos discursos elaborados no vídeo. Embora argumentando pela distribuição equânime das responsabilidades pela destruição da natureza, os vídeos desembocam em uma ideia de reconstituição da natureza que investe novamente na responsabilização do humano, pois a proteção da natureza se daria às custas do aumento do controle sobre ela e sobre aquilo que lhe causa danos.

Para Foladori e Taks (2004), o discurso dos movimentos ambientalistas contemporâneos, como acontece com os vídeos da página Hope, ainda distinguem um polo social/cultural/humano de outro tecnológico/técnico, atribuindo as crises ambientais ao desenvolvimento tecnológico e industrial. Esse seria um argumento problemático, pois parte do pressuposto de que a técnica evolui autonomamente, sem participação humana ou de processos e redes sociais (Foladori; Taks (2004). A discussão sobre as mudanças climáticas, que passou a tomar a cena dos movimentos ambientais a partir de meados dos anos 1980, “[...] delegou à ciência o papel de avaliar seus impactos [...]”, criando uma grande “[...] elitização e tecnicização dos problemas ambientais” (Foladori; Taks, 2004, p. 331).

Fonseca e Bursztyn (2007) já indicaram também que o discurso ambientalista acompanha a própria percepção da questão ambiental em diferentes momentos históricos. Nas últimas décadas do século XX, a incorporação do discurso ambiental pode ser percebida, segundo os autores, em diferentes setores e no domínio público de várias coletividades. Inspirados pela obra de Pierre Bourdieu, os autores argumentam que, no início dos anos 2000, a questão ambiental passava a tornar-se um campo simbólico relativamente autônomo, pela capacidade de determinar modos de pensar e de agir no interior desse campo, bem como “[...] a crença na validade das ‘verdades universais’ da temática em foco, em determinado recorte espaço-temporal” (Fonseca; Bursztyn, 2007, p. 171).

A consolidação de um campo ambiental, no entanto, envolve também diferentes arranjos morais quanto à prática dos discursos ambientalistas pelos sujeitos sociais, o que conduz a uma paisagem variada de incorporação dos valores tomados como centrais nesse campo. O valor social de prestígio do discurso ambientalista (Fonseca; Bursztyn, 2007), ainda que sujeito a diferentes agenciamentos, não necessariamente traduzidos



em prática social, é constantemente reavaliado nas arenas de debate público, como acontece nas redes sociais. É preciso, assim, considerar também o impacto da circulação de notícias nas redes para os regimes de verificabilidade e de legitimação do discurso ambientalista, pois os atravessamentos aí passam a ser outros e articulados com novos problemas e interpretações.

O apelo à natureza é um dos traços marcantes dos vídeos apresentados, e ele esteve presente na pandemia de diferentes formas: como momento para reencontrar a humanidade perdida; o elo entre humano e natureza; a busca por relações mais significativas com o planeta; a apreciação adequada de nosso tempo na terra, entre outras. Os vídeos da página Hope evocam uma responsabilidade e compromisso humano com o planeta, na mesma medida em que também buscam estabelecer regimes de verdade sobre a crise ambiental. Longe de ser uma categoria dada, portanto, *natureza* se espalhou por muitas direções e produziu outros artefatos ao longo da pandemia. A rigor, *natureza*, em toda sua potência semântica, é quem constantemente aparece como agente interpelativo nestes discursos: a natureza em si mesma, como uma entidade dada, capaz ou não de autorregulação; a natureza humana; a natureza da crise climática; a natureza da pandemia; a natureza do coronavírus, entre outras naturezas.

Em contraposição ao discurso comum na pandemia de que havia uma transformação do ambiente (canais limpos em Veneza, ar limpo na Índia, golfinhos nos portos, etc.), muitos desses conteúdos terminaram por fortalecer a imagem da natureza como ente objetivo, externo, representativo do belo, da harmonia. Essa concepção não é estranha na história dos discursos ambientalistas, nascidos também da representação idílica e paradisíaca feita pelas nações coloniais sobre os territórios colonizados (Pareschi, 1998, 2002). Antes mesmo dos trabalhos geralmente tidos como fundantes dos discursos ambientalistas, no século XIX, a percepção da finitude dos recursos promoveu uma raiz fisiocrática para os discursos ambientalistas ainda nos séculos XVII e XVIII (Pareschi, 1998). A incorporação de ideias ambientalistas, de criação de reservas, construção de jardins botânicos, e de uma noção de conservação de modo geral, só se implementou à sombra da busca de maximização dos recursos das metrópoles coloniais e de controle dos lugares colonizados. Ao contrário de uma desestabilização, o período pandêmico, que ocuparia um tempo mítico de transformação, parece ter de fato reanimado e reinstaurado controvérsias em torno da natureza (Latour, 2020a).

O discurso desenvolvido pela Hope nos vídeos não é inteiramente diferente de outros disponíveis nas redes e que tem a questão ambiental como temática central. Os discursos ambientalistas são tipicamente caracterizados por um uso da retórica de urgência e de ação imediata, assim como obedecem a uma certa narrativização, com finalidade de difundir, inspirar, problematizar e questionar (Hannigan, 2023). Os recursos visuais de alto impacto emocional utilizados nos vídeos não são, certamente, uma particularidade da pandemia, mas o uso das imagens do distanciamento social e as articulações com as diferentes crises podem indicar um contorno dos modos de mobilizar as questões ambientais no ambiente virtual e no contemporâneo.

Sugiro, assim, que é na ideia desse *tempo especial*, crítico, emergente, também bastante destacado nos vídeos, que possamos imaginar um nexos para interpretar os vídeos. A falta de tempo instigada nos vídeos contribui para pulverizar o conceito de

natureza, a questão ambiental e as emergências da crise climática, e não se pode negar também que os vídeos foram produzidos em um contexto de ampliada crise política, econômica, de guinada à extrema direita em diversos países do mundo. Sua capacidade de engajamento e de busca para conduzir à ação, portanto, envolvem modos por meio dos quais discursos típicos do contemporâneo parecem se sobrepor e se retroalimentar nos tempos em que vivemos.

Aos poucos, percebe-se, na observação das páginas nas redes sociais, que há um discurso sobre tempo, temporalidade, usos do tempo, urgências, que dominam as narrativas que estão envolvidas com a questão ambiental. Em narrativas como as que emergiram durante a pandemia, sobre fim do mundo, catástrofe, falência da humanidade, recomposição da natureza, que estão bem representadas nos vídeos da página Hope, podemos ver expectativas importantes quanto ao trabalho do tempo. Os vídeos conclamam para a ação descrevendo situações em que se perdeu ou se está perdendo tempo para agir, contextos em que se acelera a destruição do planeta, ao mesmo passo em que se mostra que em tão pouco tempo já se percebia uma mudança no ambiente com o distanciamento, de que o tempo está passando de modo muito acelerado, que perdemos tempo, que devemos aproveitar a oportunidade da pandemia, etc.

O fato de que o tempo (ou a ausência dele), por meio desses enunciados, aparece como um agente capaz de nos interpelar e conduzir (ou não) à ação testemunha que ele opera também na construção de nossos modos de habitar/fazer o mundo, portanto, também em nossa subjetividade. O tempo aparece nos vídeos em algumas fórmulas que possuem bastante apelo. Na retórica da emergência e da responsabilidade, o tempo trabalha como um agente necessário para a interpelação. Os argumentos em favor do tempo de mudança de certa forma potencializaram, portanto, uma visão tecnicista, elitizada e colonialista da natureza, por assim dizer, confirmando que a ação humana prejudica o meio ambiente e contradizendo a própria narrativa de distribuição mais equânime das responsabilidades pela crise climática.

Sobre a questão do tempo, sabe-se que, por um lado, a antropologia tem investido já há bastante tempo na discussão sobre as diferentes formas de construção sociocultural de categorias temporais. Já se falou sobre como cada cultura desenvolve seus próprios modos de registrar a passagem do tempo, seus usos, terminologias, e a categoria do tempo já foi revisitada de diferentes maneiras (Gell, 2014; Evans-Pritchard, 1939, 2008; Geertz, 1978). Por outro lado, como destacou Das (2020), mais preocupada com as relações entre tempo e subjetividade, tais contribuições tocariam apenas em uma parte do problema.

Para Das (2020, p. 126), o tempo não é apenas uma representação de uma forma de passagem cronológica de eventos, mas um “[...] agente que trabalha nas relações – permitindo que sejam reinterpretadas, reescritas, às vezes sobrescritas”. A narrativa de Manjit, que a autora conta em *Vida e Palavras* (Das, 2020), raptada durante a Partição da Índia e resgatada anos depois pelo exército indiano, mostra os poderes do silêncio e da espera na produção da vida da família com a qual Manjit passou a viver depois de um casamento arranjado. Como diz Das (2020, p. 125), “era preciso que o tempo passasse”, não no sentido da espera passiva, mas no sentido da espera pelos momentos em que Manjit – mulher sobre a qual pesavam diferentes tipos de silenciamentos – pudesse expressar sua visão dos eventos que aconteciam em sua família. O tempo, portanto, não

é apenas um artefato culturalmente objetificado, mas também integrante de processos de subjetivação. Ele opera nos processos cotidianos, na construção de vidas, de projetos, de agência.

A pandemia funciona como um operador discursivo que permite evidenciar a passagem do tempo no campo ambiental. A forte presença do discurso ambientalista na modernidade e o potencial de ganhos simbólicos na adoção de tais discursos (Fonseca; Bursztyn, 2007) já dão uma ideia do apelo e penetração social dessas ideias. Ao mostrar de modo taxativo que a pandemia era uma oportunidade para acelerar práticas de transformação ambiental, os discursos da página Hope colocam em movimento a ideia de que enfim chegara o tempo em que se mostrava a relevância ou a veracidade dos reclames ambientalistas. As imagens e os dados funcionam como comprovações de que havia, sim, um impacto humano, ao mesmo tempo reinstaurando informações sobre as emergências climáticas já disponíveis em representações coletivas, mas também recontextualizando a urgência e a vitalidade do discurso ambiental a partir do enquadre pandêmico.

A narrativa da pandemia como uma crise equivalente ou pior do que a crise climática, da qual também faz parte a crise econômica, usa de uma linguagem que é ela própria assentada numa certa construção sobre o tempo e que não é diferente de outros discursos que contemporaneamente tem tratado das muitas urgências que nos cercam (Latour, 2020a; Dardot; Laval, 2016; Stengers, 2015). O tempo não aparece nessas narrativas como uma forma objetificada, mas como uma forma já incorporada aos processos culturais dos quais participamos.

Sobre isso, vale a pena retomar os comentários de Munn (1992), para quem qualquer discurso, mesmo aqueles que analisam o tempo, ocorrem de forma *temporal*. Isto é, tanto nos meios utilizados para descrever ou representar, quanto nos resultados de qualquer análise, estão presentes códigos, conceitos e linguagens que já incorporaram uma certa noção do tempo. Nossa produção, diz a autora, “[...] está sempre dentro do nosso próprio tempo – socioculturalmente/historicamente informado – e ainda assim, por meio delas, também ajudamos a construir o próprio tempo do qual tomamos parte” (Munn, 1992, p. 94, tradução livre).

Podemos pensar com Munn (1992), ainda, de duas maneiras. Como artefatos que ocupam um lugar que promove novas mediações (Cesarino, 2022) no mundo contemporâneo, os vídeos da página Hope não somente refletem o tempo de crise e de urgência que caracterizam o discurso de diferentes agentes contemporâneos, mas também operam realizando uma associação *com* o tempo, prescrevendo um modo correto de interpretar os tempos pandêmicos. Além disso, ao narrar a pandemia desde uma certa perspectiva e leitura, os vídeos também a inscrevem em uma certa temporalidade. As narrativas desenvolvidas nos vídeos são constituídas em torno da retórica da urgência, e os argumentos disponíveis sobre danos ambientais já percebidos servem como forma de validar essa urgência. Dessa forma, a prescrição de uma forma de conceber temporalmente a pandemia é uma de suas principais marcas: um tom quase sempre persecutório, para não dizer ameaçador, de que devemos, enfim, fazer alguma coisa, sob pena de perder a oportunidade de ver mais uma vez a crise se instalar, de destruir o planeta, de perder nosso tempo, entre tantas outras alegorias evocadas nos vídeos. De certa forma, portanto,

apesar de o conteúdo dos vídeos reforçarem a responsabilidade do modelo econômico nas crises climáticas, a intervenção principal recai sobre os cidadãos comuns.

#### 4 Neoliberalismo, Crises e Oportunidades

A interpretação da pandemia como um tempo de transformação apareceu em diferentes frentes, seja em manifestações religiosas, místicas, técnicas, econômicas, entre outras. Na seção anterior, indiquei que o tempo é uma categoria significativa para compreender os enunciados que envolvem a pandemia e a emergência climática presentes nos vídeos estudados. Ali percebemos a produção de enunciados que mostram conformidade com as noções de tempo vividas no contemporâneo (tempo das crises, tempo de urgência), como também que, ao fazê-lo, os vídeos contribuíram para a prescrição de uma certa forma de inscrever a pandemia no tempo. Ao lado disso, também foi mostrado que há ambiguidades, considerando as outras crises mencionadas recorrentemente nos vídeos e o manuseio do conceito de natureza. Nesta seção, por sua vez, busca-se elaborar mais detidamente sobre a articulação de diferentes crises no contexto dos vídeos e como o tempo trabalha aí como um mediador desse processo.

Na década de 2000, Stengers (2015) descreveu algumas das consequências que se seguiram à crise financeira que abateu o mundo econômico. A cobrança, como já acontecera antes, seria a de que *não haveria outro jeito*, seria necessário que todos se esforçassem para *relançar a economia*, para *não perder tempo*, para não deixar que outros aproveitassem a oportunidade (Stengers, 2015, p. 9-10). Apesar de o ideal de progresso ter tido sucesso em demonstrar o avanço de múltiplas crises, sua capacidade de resposta não sai da *triste ladainha*, diz Stengers (2015, p. 17), de que “não temos escolha”, de que devemos estar atentos/as, em constante mobilização. O argumento de *não ter escolha* não é diferente da chamada à ação dos vídeos da página Hope ou dos discursos ambientalistas de modo geral, para quem os humanos enfim teriam conseguido destruir o planeta, sem se preocupar com o amanhã, tornando urgente a ação.

A ambiguidade inerente é de que a retórica do *tempo perdido* e do *não temos mais tempo*, por mais interpelativa que possa ser para as causas ambientalistas, não destoa de outros movimentos contemporâneos, especialmente relacionados ao neoliberalismo e ao desenvolvimento de uma necessidade constante de adaptação, não somente subjetiva, mas também do Estado, a condições sempre cambiantes (Dardot; Laval, 2016). A adoção da retórica do tempo é intrigante, pois ao mesmo tempo que busca promover uma movimentação para a mudança do modelo econômico (pensando nos termos dos vídeos da página Hope), o faz também por meio de uma fórmula já quase canônica para a movimentação do mercado e dos trabalhadores.

A perspectiva cibernética, recentemente recuperada por Cesarino (2022), pode servir para pensar esses paradoxos e oscilações, bem como a retroalimentação entre diferentes campos quanto às relações entre a pandemia, a emergência climática, o mercado e as crises políticas e econômicas.

No mundo do avesso que descreve a autora, aspectos não premeditados da agência das mídias digitais podem ser percebidos constantemente, impondo a necessidade de

lançar olhares diferentes aos processos sociais. Essas novas miradas envolvem suspender os pressupostos lineares das visões determinísticas. O torpor causado pela resistência à vacinação, pelo negacionismo, anticientificismo, por exemplo, eventos coetâneos à pandemia, resultou de uma percepção de sua localização em um sistema em que ideias como o valor da ciência ou da política permaneceriam inalterados. Ao contrário, a crise política, crise de validação da ciência, ou a “crise do sistema de peritos”, como nomeou Cesarino (2021), foram todos eventos presentes na lida cotidiana da pandemia, tornando paradoxais sistemas que antes poderiam ser tomados como confiáveis.

Sumariamente, a cibernética propõe olhar sistemas não lineares, aqueles que não correspondem a relações estáveis de incentivo e resposta, relações em que a causalidade não é linear entre os agentes: “[...] a perspectiva cibernética atenta para padrões de coemergência de agências em um mesmo campo dinâmico de complexidades [...]” (Cesarino, 2022, p. 30). Um dado sistema não evolui fora de um campo dinâmico em que ocorrem ressonâncias entre os agentes, cada um mutuamente se influenciando e oferecendo respostas. Há uma causalidade circular entre o sistema e seu entorno, que faz com que continuamente sejam produzidas respostas e o direcionamento do sistema como um todo.

Cesarino (2022) toca ainda na questão das ressonâncias entre o bolsonarismo e outras teorias (conspiracionistas, ciências alternativas, populismo digital) no panorama político-econômico brasileiro, e o modo como estes ressoavam com o modo particular de funcionamento das mídias sociais. A análise linear dos eventos que envolvem a crise política brasileira desde 2013, pontuada pela pandemia em 2020 e 2021, teria menos sucesso de compreender tais movimentos, do que uma análise cibernética. Apoiada em Victor Turner, Cesarino (2022) vai sugerir que as mídias sociais funcionam de modo antiestrutural, tensionando com as formas *antigas* de significar e de representar sistemas antes tomados como estáveis:

As novas mídias participam de modo central nessa dialética entre estrutura e antiestrutura de pelo menos duas formas. Ao aumentarem drasticamente a velocidade do fluxo dos sistemas sociotécnicos, elas ajudam a acelerar processos de mudança estrutural que de outro modo teriam acontecido mais lentamente. Essas mudanças envolvem, por um lado, processos de desintermediação, ou seja, de desengajamento dos elementos do sistema de sua estrutura normativa anterior. Isso se reflete, por exemplo, no modo como as mídias digitais acirram a desconfiança dos usuários com relação à “grande mídia”, aos intelectuais e acadêmicos, às instituições da democracia representativa. Ou então, no modo como os especialistas da ciência biomédica *mainstream* são deslocados pelos “novos peritos” – médicos influenciadores, pacientes experts, mídias alternativas – que se popularizaram na internet durante a pandemia da Covid-19 (Cesarino, 2022, p. 16).

Em um “mundo do avesso” (Cesarino, 2022, p. 16), portanto, os incongruentes eventos da pandemia precisam ser pensados em face de novas mediações, pois seus lugares foram modificados e algumas das verdades estruturais que erigiam sistemas de confiabilidade e de legitimação já não ocupam mais os mesmos lugares. Argumentos de autoridade não somente científicos, mas também morais (no sentido de uma busca da humanidade perdida), místicos, religiosos, colaboraram para o estabelecimento de

uma retórica – que pode ser percebida, por exemplo, nos vídeos – de que aquele era o tempo da mudança.

A questão de que o emprego de enunciados orientados para uma percepção da temporalidade (urgência, tempo apressado, aproveitar as oportunidades, etc.) tenham sido utilizados na pandemia em discursos ambientalistas, como no caso dos vídeos da página Hope, talvez tenha menos a ver com a pandemia em si mesma, mas com o fato de que o discurso ambientalista tem evoluído conjuntamente aos discursos político-econômicos, fazendo com que inevitavelmente – ao despontar de uma crise – tais discursos já estivessem engatilhados. A ideia de um campo de ressonâncias proposta por Cesarino (2022) é relevante nesse sentido, pois há uma continuidade entre os discursos que referem as diferentes crises, econômica, política, ambiental, sanitária que, apesar dos conteúdos diferentes, compartilham um campo de ressonâncias.

Uma das ressonâncias centrais entre esses discursos, a ser percebido mesmo nos enunciados que emergem no pós-pandemia, é precisamente o da urgência. Diferentes mídias desde 2020, mesmo antes do fim da pandemia, já vinham anunciando que uma nova pandemia seria praticamente inevitável, sendo a degradação ambiental um fator desencadeador<sup>6</sup>. Do ponto de vista das relações estruturais entre os campos da política e da ciência, no mundo pré-pandemia, talvez fizesse sentido imaginar a pandemia como uma *lição* ou como *oportunidade* – o que foi feito, como disse, por diferentes atores. Afinal, uma crise de proporção mundial, com implicações para a saúde, para os mais diferentes modos de existência, para a economia, para o ambiente, isto é, cujos conteúdos têm ressonância com uma grande variedade de narrativas da humanidade, não teria como passar ileso a qualquer processo interpretativo. Ao mesmo tempo, a pandemia pelo coronavírus ocorreu em um tempo que não somente já se experimentava a digitalização da vida (Segata; Rifiotis, 2021), como também se passou a potencializar justamente um contexto de modelagem das relações que é dominante em nosso tempo, as mídias sociais. Isso fica evidente, por exemplo, no caso da grande capilaridade recebida pelos discursos sobre tratamento precoce no período da pandemia, potencializados por um ecossistema de “ciências alternativas” (*alt-sciences*) difundida nas mídias sociais e seguindo a abertura do vazio político na governança da crise do coronavírus (Cesarino; Silva, 2023).

Agamben (*apud* Cesarino, 2003, p. 185) chama atenção para o fato de que ainda não foi oferecida uma perspectiva temporal pelas críticas revolucionárias que fizesse frente ao tempo burguês capitalista (quantificável, linear, homogêneo). Para o autor, não tendo sido oferecida uma reforma da noção do tempo do capital, toda a obra revolucionária subsequente ao trabalho de Marx teria incorporado a temporalidade capitalista, fazendo fracassar outros conceitos importantes, como a ideologia e o conceito de história. Uma revolução que tivesse condições de rever estruturas econômicas precisaria primeiro revolucionar o tempo. Cesarino (2003) discute a presença da questão do tempo no trabalho

---

<sup>12</sup> Essas mídias podem ser acessadas em: <https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2021/11/01/precisamos-de-uma-mudanca-fundamental-na-forma-como-vivemos-na-terra-alerta-declaracao-sobre-saude-planetaria.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2024; <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2020/06/coronavirus-para-evitar-pandemias-respeitar-a-natureza>. Acesso em: 30 jan. 2024; <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/06/o-mundo-deve-se-preparar-para-enfrentar-uma-proxima-pandemia-alerta-a-oms>. Acesso em: 30 jan. 2024; <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53758807>. Acesso em: 30 jan. 2024; <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/09/15/nipah-quais-sao-as-chances-de-virus-mortal-chegar-ao-brasil-ou-causar-nova-pandemia.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2024; <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52389645>. Acesso em: 30 jan. 2024.

de diferentes autores, recuperando o trabalho de Karl Marx, e defende a existência de uma busca pela superação da temporalidade capitalista em seu trabalho. Casarino (2003) vai aportar suas fichas na ideia de que, enfim, *o tempo importa*.

Em síntese, os vídeos da página Hope, assim como uma diversidade de outros artefatos nas redes sociais e também a modelagem das relações exercida no contexto dessas mídias, trabalham inevitavelmente com o tempo. Mas não é somente a ideia de *uma* temporalidade capitalista inequívoca que está presente. Um aspecto crucial da discussão sobre a relação entre a pandemia e seus tempos é o de que ela aconteceu em diversas temporalidades, pois os sujeitos estiveram imersos de diferentes maneiras não somente em um macroevento *pandemia*, mas cotidianamente nos múltiplos eventos que dela fizeram parte, que a ela se associaram, que dela decorreram, entre outros. Para Bear (2016), diferentes formas temporais e conflitos sobre a percepção do tempo estão entre os elementos cruciais da experiência da desigualdade, pois variam as formas por meio das quais as pessoas planejam suas vidas e, evidentemente, concebem o tempo. A própria questão da incerteza e da crise, sobre as quais muito tem se falado e que são amplamente narradas como universais, também estariam aí como um debate a ser empreendido (Bear, 2016).

O que a pandemia parece ter evidenciado, nesse sentido, é a necessidade de pensar as formas temporais com as quais nossas instituições dialogam e/ou as prescrições de uso do tempo (não nos esqueçamos de que o distanciamento social provocou uma sensação de *não ter tempo* para todas as atividades do *novo normal*) e as novas inscrições no tempo que elas realizam.

## 5 Considerações Finais

Neste ensaio, buscou-se analisar quatro vídeos disponibilizados no Facebook em 2020 que tematizaram a relação entre a pandemia e as emergências climáticas. A fim de recapitular o que foi desenvolvido ao longo do texto, apresento aqui algumas conclusões.

Uma questão a destacar é a de que os vídeos da página Hope podem ser percebidos aqui a partir de duas perspectivas. Uma delas relaciona-se ao que diferentes autoras (Casarino, 2022; Segata; Rifiotis, 2021) têm discutido a respeito da centralidade das mídias sociais no redesenho de nossos modos de vida. Afirmo, em diferentes momentos do ensaio, que os vídeos (assim como outros objetos que provêm das redes sociais) podem ser tomados como artefatos significativos para a análise do contemporâneo, para sondar maneiras de compreender um tempo em que diferentes sistemas aparentam combinarem-se de novas e inusitadas formas.

Fazendo parte de uma certa temporalidade e assumindo que estamos inscritos, todos, em uma certa forma de conceber o tempo, os vídeos comunicam-se de forma coerente com as formas temporais por nós compartilhadas (Munn, 1992). Ou seja, os vídeos refletem as ideias de pressa e de urgência que podem ser percebidos em outros ambientes, mesmo para além do discurso ambientalista. Sibilía e Galindo (2021, p. 204), por exemplo, chamam atenção para o espraiamento de um discurso de consumo ilimitado a partir do uso das plataformas de *streaming*, inscritas em uma “[...] peculiar

temporalidade implícita nos processos de digitalização da vida”. Está evidente em diferentes contribuições que essa nova temporalidade já não é mais uma total estranha, especialmente nos destaques aqui conferidos para as análises sobre o neoliberalismo e o aparecimento do sujeito neoliberal.

Decorrendo da primeira, vemos, assim, a segunda perspectiva a considerar com relação aos vídeos: de que eles não somente refletem um certo tempo, mas também contribuem para desenhar os contornos de uma nova temporalidade, que, ao compartilhar aspectos infraestruturais com os outros campos, se expressa também de modo semelhante a elas.

O recurso aos trabalhos de Cesarino (2021, 2022) serviu para colaborar, nesse sentido, para uma análise de artefatos – como os vídeos discutidos aqui – cujos contextos e correlações com os sistemas imediatamente invocados (economia e natureza, por exemplo) não são necessariamente autoevidentes. O tempo aparece, nesse sentido, ainda de outra maneira importante a partir da análise das narrativas contidas nos vídeos: como um elemento que faz ressoar as aproximações entre os diferentes campos, como um novo mediador (dado que incorporado em toda e qualquer forma sociocultural, portanto, também nos sistemas e estruturas sociais) capaz de fazer despontar sensibilidades culturalmente relevantes e que, ainda que discrepantes, podem se combinar de diferentes formas. Parece ser o caso, por exemplo, do discurso sobre “não perder tempo”, já fortemente entranhado em nossas representações sobre trabalho e projetos de vida, capturados por discurso ambientalistas.

Retomando o último parágrafo da seção anterior, gostaria de caminhar para o fim deste ensaio, refletindo sobre a importância de incluir, portanto, o tempo em nossas análises do contemporâneo.

Um aspecto da ruminção sobre a pandemia é o de que ela tomou forma durante o evento, pois não houve propriamente um momento fixo no qual se passou a pensar sobre seus efeitos. Alguns marcos foram fornecidos pelas muitas instituições, entre elas, a OMS, as universidades, os governos, entre outros, instaurando datas na vida pandêmica: quando começaria a pandemia, quando o isolamento inicial deveria acontecer, quando se tornaria grave, quando estava melhorando, quando iniciaria a vacinação, que tipo de atividades poderiam retornar e quando, quando a pandemia iria findar, quando findou, quando as atividades seriam presenciais, quem poderia voltar, etc.

Para Das (2020), no entanto, a instauração de uma data não determina que o evento fique fixo em um tempo passado, nem que os efeitos a ele associados pertençam a uma classe de eventos de uma temporalidade superada. A autora argumenta que o tempo demanda uma interpretação mais sensível do que aquela que divide um tempo estável e um tempo dos fenômenos. Ao contrário, Das (2020) vai sugerir que o tempo é simultaneamente passado, presente e futuro, e que o que está em jogo, antes das datas, são os modos com que os sujeitos estão imersos nas formas temporais, o que enfim acabaria por definir o próprio evento. Por essa razão, de alguma forma, os eventos nunca deixam propriamente de aparecer, ainda que, em alguma temporalidade, eles possam pertencer a algum passado.

O argumento de Veena Das (2020) com relação ao tempo é voltado para a constatação de que, passada a Partição da Índia,, a violência sofrida não apenas residia em alguma temporalidade superada, mas seguia aparecendo, presentificando-se na vida de suas



interlocutoras. A força da linguagem e do ordinário, dos rumores, foi notada pela autora, fazendo então compreender que havia um trabalho sendo realizado pelo tempo na constituição dos sujeitos mesmo no pós-Partição.

A pergunta agora talvez seja, enfim, sobre quando de fato a pandemia terminou, e se terminou, ou o que terminou. É preciso assumir, me parece, que, em alguma temporalidade, a pandemia ainda não acabou, demandando aceitar o desafio de ainda ruminar sobre esses eventos, assumindo também o desgosto não somente de voltar, mas de compreender como o evento segue sendo reatualizado em diversos lugares da vida social. O tempo se coloca, nesse sentido, como uma categoria crucial, se pensamos para além do tempo linear, homogêneo do capitalismo, e pensamos nas múltiplas formas de incorporação dos sujeitos no tempo. *Vida e Palavras* (Das, 2020) destaca não uma narrativa histórica objetiva da Partição da Índia ou do Assassinato de Indira Ghandi, mas a sobrevivência, os resquícios de tais eventos nas vidas das pessoas.

No caso da pandemia – sem sombra de dúvidas um evento violento – podemos questionar sobre os modos como os eventos da pandemia aparecem, seja na expectativa de um apagamento do que se passou, seja na transformação da vida social em torno de novos atores em busca de um novo tempo. O que esse novo tempo envolve e como ele lida com as temporalidades, com o ambiente e com o modelo econômico ainda é, no entanto, incerto. Reconhecendo que neste presente o passado aparece de modo inescapável, vivemos também um tempo no qual desejamos superar a pandemia, produzindo coletivamente uma certa experiência sobre essa pandemia que a joga para o passado, simultaneamente ofuscando, mas também fortalecendo algumas narrativas sobre ela.

Olhar hoje para a pandemia não necessariamente demanda voltar ao passado, pelo menos não somente no sentido de contar um evento passado demarcado, mas estar atento ao tipo de efeitos e rumores que ela deixou. Um desses rumores é a confirmação da *perda de tempo*. Que tempo estamos perdendo, enfim? E qual a oportunidade da pandemia para a reflexão sobre o tempo? A ideia de temporalização, proposta por Munn (1992), deve assim ser lembrada aqui, pois pode ser uma contribuição premente da antropologia a de analisar as diferentes formas por meio das quais continuamente o tempo segue sendo construído nas práticas cotidianas em nosso tempo, especialmente em face da agência desestabilizadora das mídias sociais.

Como estão (re)organizados os atores na era digital assumindo, como propôs Cesarino (2022), que as mídias promovem a desestabilização e a recontextualização de agentes dentro dos sistemas? Se a desorganização gerada pelas novas mídias caminha ao lado de iniciativas de reorganização, então podemos pensar que vídeos como o da página Hope podem ser imaginados dentro das possibilidades de mudança que irão emergir de dentro do próprio sistema, dialogando e aproveitando de sua linguagem. A antropologia pode contribuir para esperar por um novo mundo, que não seja, enfim, destruído pela degradação ambiental e por um modelo econômico predatório. No entanto, o tempo não pode estar ausente dessas análises, pois a própria imaginação de um novo mundo dependerá da imaginação de um novo tempo. As estratégias de transformação, como a proposta de fazer vídeos virais sobre a ciência ecológica, são elas próprias constituições conjunturais, remanescentes de processos muito variados e híbridos de diferentes processos sociais que coevoluem junto às ambiguidades do capitalismo e do neoliberalismo: como

iremos pensar essas coemergências e esses artefatos impuros (Latour, 1994) é uma tarefa nova frente a esses novos atores, e o estudo das temporalidades e do tempo fornece ideias interessantes nessa empreitada.

## Referências

- APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 5th Edition**. Washington, DC: American Psychiatric Publishing, 2013.
- BEAR, Laura. Time as technique. **Annual Review of Anthropology**, [s.l.], v. 45, p. 487-502, 2016.
- CASARINO, Cesare. Time Matters: Marx, Negri, Agamben, and the Corporeal. **Strategies: Journal of Theory, Culture & Politics**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 185-206, 2003.
- CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, fev., 2021.
- CESARINO, Letícia Maria Costa da Nóbrega; SILVA, Victor Hugo Viegas de Freitas. Pandemic States of Exception and the Alt-science of Early Treatment for COVID-19 in Brazil. **Latin American Perspectives**, [s.l.], v. 50, n. 4, p. 1-18, 2023. Disponível em: [https://www.academia.edu/104827831/Pandemic\\_States\\_of\\_Exception\\_and\\_the\\_Alt\\_science\\_of\\_Early\\_Treatment\\_for\\_COVID\\_19\\_in\\_Brazil\\_w\\_Victor\\_Silva\\_Latin\\_American\\_Perspectives\\_2023\\_](https://www.academia.edu/104827831/Pandemic_States_of_Exception_and_the_Alt_science_of_Early_Treatment_for_COVID_19_in_Brazil_w_Victor_Silva_Latin_American_Perspectives_2023_). Acesso em: 2 out. 2024.
- CIELLO, Fernando J. **“Nunca desperdice uma crise”**: saúde mental e o lado “b” da pandemia. [S.l.: s.n.], 2024. (No prelo).
- DARDOT, Pierra; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida para o ordinário**. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. Nuer Time-Reckoning. **Africa**, [s.l.], v. 12, n. 2, p. 189-216, 1939.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.
- FOLADORI, Guillermo; TAKS, Javier. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 323-348, out. 2004.
- FONSECA, I. F. da; BURSZTYN, M. Mercadores de moralidade: a retórica ambientalista e a prática do desenvolvimento sustentável. **Ambiente & Sociedade**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 169-186, jul. 2007.
- GEERTZ, Clifford. Pessoa, Tempo e Conduta em Bali. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 149-183.
- GELL, Alfred. **A antropologia do tempo: construções culturais de mapas e imagens temporais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HANNIGAN, John. **Environmental Sociology**. 4. ed. New York: Routledge, 2023.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza do Antropoceno**. São Paulo: Ubu Editora; Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2020a.

LATOURE, Bruno. **Onde aterrar?** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MUNN, Nancy D. The cultural anthropology of time: a critical essay. **Annual Review of Anthropology**, [s.l.], v. 21, p. 93-123, 1992.

PARESCI, Ana Carolina Cambeses. **Desenvolvimento sustentável e pequenos projetos**: entre o projetismo, a ideologia e as dinâmicas sociais. 2002. 380p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 2002.

PARESCI, Ana Carolin C. A Ilha e o Jardim: imagens paradisíacas nas origens do ambientalismo. **Anuário Antropológico**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 267-76, 1998. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6716>. Acesso em: 2 out. 2024.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. Digitalização e dataficação da vida. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 21, n. 2, p. 186-192, 2021.

SIBILIA, Paula; GALINDO, Manuela A. Correndo para não perder nada: temporalidade ansiosa e a frustração do (i)limitado. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 21, n. 2, p. 203-213, maio de 2021.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

#### **Fernando José Ciello**

Professor do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima e, atualmente, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da mesma instituição. Licenciado em Ciências Sociais pela Unioeste em 2009; mestre pela UFPR em 2013; e doutor em Antropologia Social pela UFSC em 2019. Tem interesse na pesquisa antropológica com saúde, saúde mental e questões do contemporâneo. Pesquisador efetivo do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural (INCT-IBP) e pesquisador afiliado ao Center for Global Mental Health (UC San Diego).

Endereço profissional: Avenida Brasília, Aeroporto, Boa Vista, RR. CEP: 69310-030.

*E-mail*: [Fernando.ciello@gmail.com](mailto:Fernando.ciello@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8463-6150>

#### **Como referenciar este artigo:**

CIELLO, Fernando José. Emergência Climática, Natureza e os Trabalhos do Tempo: ruminções sobre uma pandemia. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e98355, p. 124-142, setembro de 2024.